

## AVALIAÇÃO: PROCESSO MEDIADOR DE APRENDIZAGEM

ASSESSMENT: A MEDIATING PROCESS OF LEARNING

LA EVALUACIÓN: UN PROCESO MEDIADOR DEL APRENDIZAJE

### Ivo José Both

Doutor em Educação – Política Educativa, Professor do programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação e Novas Tecnologias do Centro Universitário Internacional – UNINTER, Curitiba/PR - Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9663-7257>, e-mail: [ivoboth1@gmail.com](mailto:ivoboth1@gmail.com)

### Mariana Gonçalves da Silva Frajuca

Mestranda do programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias do Centro Universitário Internacional – UNINTER – Curitiba/PR - Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7556-4124>, e-mail: [marigsilva1908@gmail.com](mailto:marigsilva1908@gmail.com)

### Daiane Martins Batista

Mestranda do programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação e Novas Tecnologias do Centro Universitário Internacional – UNINTER, Curitiba /PR - Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7321-0998>, e-mail: [daianemartinsbatista78@gmail.com](mailto:daianemartinsbatista78@gmail.com)

### RESUMO

O objetivo desta pesquisa é discutir conceitos e contextos em que a avaliação se insere e suas contribuições para o ambiente escolar. O ensaio é uma revisão bibliográfica a partir de materiais e temas disponibilizados para leitura, estudo e discussão em sala de aula. O processo metodológico deste artigo surge como trabalho final da disciplina *Avaliação como Processo Educativo*, do programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* — Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias do Centro Universitário Internacional — UNINTER. Neste sentido, e por meio desta revisão bibliográfica, apresenta-se o conceito de educação e alguns elementos da trajetória educacional brasileira, com destaque para as mudanças em curso. Esse panorama educacional brasileiro é o pano de fundo para descrição da avaliação como processo mediador de aprendizagem. Ressalta-se que as avaliações não devem ter um caráter de verificação, mas voltar-se às funções diagnóstica e formativa, possibilitando diagnóstico da realidade do estudante para fomentar o processo de ensino e aprendizagem, afinal, esse deve ser um dos objetivos da avaliação. A riqueza desta revisão da literatura possibilitou reflexões de elevado valor pedagógico, tais como a respeito da importância fundamental de novas posturas e de quebra de paradigmas para mudanças culturais, na cosmovisão das pessoas relacionada à avaliação, tanto dos discentes como dos docentes.

**Palavras-chave:** Educação; Avaliação; Aprendizagem.

### ABSTRACT

The purpose of this research is to discuss concepts and contexts in which evaluation is embedded and its contributions to the school environment. The essay is a literature review based on materials and themes made available for reading, study, and discussion in the classroom. The methodological process of this article arises as the final work of the discipline *Avaliação como Processo Educativo* of *Pós-Graduação Stricto Sensu* — *Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias do Centro Universitário Internacional* — UNINTER. In this sense, and through this bibliographic review, education's concept and some Brazilian educational trajectory elements are presented, with emphasis on the changes underway. This Brazilian education panorama is the background for the description of evaluation as a learning's mediating process. It is emphasized that the evaluations should not have a verification feature, but should be focused on the

diagnostic and formative functions, enabling diagnosis of the student's reality to foster the teaching and learning process, after all, this should be one of the evaluation's goals. The richness of this literature review allowed high pedagogical value reflections, such as the fundamental importance of new postures and breaking paradigms for cultural changes, in people's cosmovision related to evaluation, both of students and teachers.

**Keywords:** Education; Assessment; Learning.

### RESUMEN

El objetivo de esta investigación es discutir conceptos y contextos en los que se produce la evaluación y sus aportes en el ámbito escolar. El ensayo es una revisión bibliográfica a partir de materiales y temas disponibles para lectura, estudio y discusión en el aula. El proceso metodológico de este artículo surge como trabajo final de la disciplina *La evaluación como proceso educativo*, del programa de Posgrado - Maestría Profesional en Educación y Nuevas Tecnologías, del Centro Universitario Internacional - UNINTER. En este sentido, y a través de esta revisión bibliográfica, se presenta el concepto de educación y algunos elementos de la trayectoria educativa brasileña, con énfasis en los cambios emergentes. Este panorama de la educación brasileña es el telón de fondo para la descripción de la evaluación como proceso mediador del aprendizaje. Se hace énfasis en que las evaluaciones no deben tener un carácter de medición, sino que deben estar centradas en la función diagnóstica y formativa; con eso, permiten la construcción de un diagnóstico de la realidad del alumno para estimular el proceso de enseñanza-aprendizaje, visto que este debe ser uno de los objetivos de la evaluación. La riqueza de esa revisión bibliográfica generó reflexiones de alto valor pedagógico, entre ellas, la importancia fundamental de nuevas posturas y de ruptura de paradigmas, para que, culturalmente, se produzcan cambios en la cosmovisión de las personas, tanto alumnos como docentes, relacionada con la evaluación.

**Palabras-clave:** Educación; Evaluación; Aprendizaje.

### INTRODUÇÃO

Esta pesquisa faz parte da disciplina *Avaliação como Processo Educativo*, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu — Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias, na linha de pesquisa *Formação Docente e Novas Tecnologias na Educação*, do Centro Universitário Internacional UNINTER, da qual o objetivo geral é apresentar conceitos e contextos em que a avaliação se insere, bem como suas contribuições no ambiente escolar.

Para desenvolvimento deste artigo, optou-se pela revisão bibliográfica de livros e artigos disponibilizados para estudo e leitura da disciplina *Avaliação como Processo Educativo*, além das discussões em sala de aula. O processo metodológico resultou do trabalho final dessa disciplina. Segundo Gil (2008, p. 69), “embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas”.

Apresenta-se o conceito de educação e alguns elementos da trajetória educacional brasileira, com destaque para as emergentes mudanças em processo. Tal panorama surge como pano de fundo para descrição da avaliação como processo mediador de aprendizagem, de modo que as avaliações não tenham um caráter de verificação, mas se voltem às funções diagnóstica e formativa para a construção de um panorama da realidade do estudante, promovendo sua evolução ao fomentar o processo de ensino e aprendizagem, afinal, este deve ser um dos objetivos da avaliação.

Ademais, este estudo recorre à abordagem qualitativa, cuja narrativa da visão da realidade dos indivíduos é altamente descritiva, segundo Gephart Junior (2004), com ênfase aos detalhes situacionais, permitindo boa descrição dos eventos. Quanto aos objetivos, a pesquisa se caracteriza como descritiva.

Destaca-se que o levantamento dos dados bibliográficos ocorreu durante o segundo semestre de 2020, através de estudos e discussões em aulas da disciplina, que transcorreram por meio de videoconferências com o professor e os estudantes do programa, haja vista a situação pandêmica enfrentada no período, ocasionando a adequação das aulas presenciais para um modelo de educação remota emergencial.

## Educação

O sentido da palavra “educar” sempre foi amplo. Em sua acepção mais assertiva e conhecida, relaciona-se ao ato de formar pessoas com perspectiva de transformação humana pessoal e social. Trata-se de repassar ensinamentos e comportamentos de determinada comunidade, família ou religião. Educar é sinônimo de ensinar, compartilhar ensinamentos, sobretudo, repassar o que se sabe para dar continuidade a um processo de edificação social (BOTH, 2013). Vale ressaltar que “as instituições escolares foram implantadas no século XVIII, a partir de certo padrão normativo, tendo como princípios norteadores os valores, culturas e expectativas da época, que continuaram orientando as práticas escolares ao longo dos dois séculos seguintes” (BANNELL *et al.*, 2016, p. 13).

Com o mundo em permanente transformação social, as instituições e os processos educacionais acompanharam essas transformações? A necessidade de mudança é notória, compreensão e ação são fundamentais nesse processo contínuo de aperfeiçoamento, inclusive quanto a modernização dos conceitos e das aplicações sobre a educação e o

significado do ensino. Quanto a isso, Saviani (2000, p. 16-17 apud LOPES; FARIA, 2013, p. 25), apresenta a seguinte definição:

Se a educação não se reduz ao ensino, é certo, entretanto, que ensino é educação e, como tal, participa da natureza própria do fenômeno educativo. Assim, a atividade de ensino, a aula, por exemplo, é alguma coisa que supõe, ao mesmo tempo, a presença do professor e a presença do estudante. Ou seja, o ato de dar aula é inseparável da produção desse ato e de seu consumo. A aula é, pois, produzida e consumida ao mesmo tempo [...].

A educação promove avanços, conquistas e superação de barreiras. É também por meio da educação que a humanidade evolui e se firma a cada dia em busca da confirmação de sua razão e sabedoria. Deste modo, entende-se que as formas como a educação foi concebida ao longo dos séculos se alteraram para aproveitamento dos recursos que surgiram em novos contextos, confirmaram sua mutação e beneficiaram à humanidade de forma ampla, pois, a não cristalização de um método e a democracia no compartilhamento de informações, marca-chave da educação, firmam-se e se expandem (SOUSA, 2005).

Com isso, compreende-se que educar é, antes de qualquer definição, a maneira soberana sobre a qual a sociedade calca seus princípios e conquistas ao longo dos séculos. Neste ínterim, ao adentrar uma era de constantes mudanças, a forma como a educação é concebida passou por necessárias adequações e ganhou nova roupagem transformacional.

É compreensível que a educação passa por grandes transformações, em especial, conceituais e pedagógicas, diretamente ligadas à utilização de novas técnicas de ensino/aprendizagem, bem como relacionadas à utilização de materiais e de instrumentos que facilitam agora o saber e o repasse do conhecimento (SILVA; MARTINS, [s.d.]).

De acordo com Bannell *et al.* (2016, p. 57), “para realizar mudanças significativas nas práticas educativas, de modo que a escola possa atender às demandas sociais do século 21, precisamos rever e atualizar conceitos e teorias sobre a cognição e sobre como os seres humanos aprendem”. Acerca das transformações, vale destacar o surgimento da Educação a Distância no século 19, com o ensino por correspondência, o qual se caracterizou como a primeira fase da EAD no mundo, apesar de registros de ações anteriores, até mesmo da Antiguidade, concernente aos esforços para transmissão de informações entre pessoas ou cidades separadas geograficamente. Salienta-se o cenário da Europa nesse período com a Revolução Industrial e a necessidade urgente de mão de obra especializada para o

trabalho. Segundo Peters (2006, p. 200 apud LOPES; FARIA, 2013, p. 29), “verifica-se que o ensino por correspondência acompanhou a industrialização do trabalho em dois aspectos importantes: 1. por um lado, preenchendo lacunas do sistema educacional; 2. por outro lado, compensando as suas deficiências, sobretudo no treinamento profissional”.

Desde o século 19 até os dias atuais muitas transformações ocorreram no mundo, portanto, mudanças no cenário educacional. Atualmente, enfrenta-se uma pandemia e todo o sistema educacional sofre significativas mudanças com a implementação do ensino remoto, o qual é possível devido ao grau de confiabilidade em relação à educação a distância. Além disso, existe uma relação entre as mudanças na forma de vida das pessoas e as necessidades educacionais.

Em um mundo em constante mudança social, o uso de avaliações na escola é indispensável, afinal, é necessária uma educação que atenda o estudante atual em suas dúvidas, seus anseios e suas dificuldades. No que concerne a essa temática, a inclusão das avaliações no ambiente escolar exige profissionais mais críticos, reflexivos e abertos ao aperfeiçoamento no manuseio de recursos avaliativos em sala de aula como ferramentas que auxiliam à construção do conhecimento, e o desenvolvimento das habilidades e competências do educando (BOTH, 2017).

É importante frisar que, quando se fala em avaliação, seja em ambiente acadêmico ou outro, logo vem à mente o procedimento avaliativo habitual, aquele que tem data e horário para acontecer, com questões de múltipla escolha e/ou dissertativas. Contudo, o que se discute e deve ser muito discutido, nos ambientes acadêmicos, é justamente se essa avaliação deve continuar a ocorrer da mesma forma, apenas pautado no que o professor deseja como resposta pronta, ou se os professores devem inovar seus meios de avaliação e entender diferentes contextos e novos formatos avaliativos. O modelo de avaliação no qual são pautadas as provas semanal e mensal requer debate em ambientes acadêmicos, para que os docentes encontrem a melhor maneira de avaliar seus estudantes.

É comum, quando se fala em mudança, o surgimento de novos questionamentos, assim como o desejo de que as novas práticas sejam colocadas à prova. Contudo, alterar a forma de conceber a educação exige de todos reflexão maior sobre o que se quer mudar. Não se pode deixar que a alteração metodológica permaneça somente no plano teórico, embargada por rejeição às vezes gerada pela novidade, de modo que traga provocações para aqueles que já estão familiarizados com o seu cenário (SOARES *et al.*, 2014).

### **Avaliação: processo mediador de aprendizagem**

Qual o objetivo da avaliação? Por que a escola programa avaliações e o professor empenha-se em prepará-las? De acordo com Both (2017, p. 46), “[...] a avaliação deve se constituir em acompanhamento do ensino e da aprendizagem, é importante fundamentar a prática avaliativa na ideia de que a avaliação é um ‘processo que tem como propósito primeiro o acompanhamento contínuo dos processos de ensino e de aprendizagem’”. Entretanto, existe uma cultura acerca do processo avaliativo como um trunfo dos professores para punir, além do medo provocado no estudante ao ser avaliado. É notória a validade das avaliações para verificação do estágio de aprendizagem, a fim de direcionar a programação de conteúdos, e até mesmo para identificar os níveis. Apesar disso, não podem se restringir à função classificatória.

Afinal, quem deve elaborar as avaliações? O professor? O coordenador pedagógico? A direção? Segundo a opinião de Moran (2013), o professor e a escola devem se posicionar em relação à utilização de avaliações em sala de aula. O autor considera como “tímida” a possibilidade de deixar a critério do professor a opção de usar ou não determinado recurso em sala de aula.

Both (2017, p. 50) defende que “avaliar, é antes de tudo, um processo de responsabilidade, justiça e de equilíbrio da parte do professor”. Visto que o docente é responsável por promover um processo avaliativo justo e que oportunize a aprendizagem, isto não desobriga outros integrantes da comunidade escolar, como os pais, de se pronunciarem e participarem da tomada de decisões. Considerando que os processos avaliativos eficazes evitam problemas maiores na trajetória escolar, entre outros: “[...] uma autêntica avaliação, como processo dinâmico e construtivo que caminha passo a passo com o processo de ensino-aprendizagem, servindo-lhe de apoio, evitaria em até 90%, ou mais, as dificuldades que normalmente se apresentam na área” (BOTH, 2017, p. 50).

Como já mencionado, as avaliações, além do caráter de verificação, devem estar voltadas às funções diagnóstica e formativa, possibilitando a construção de um panorama da realidade do estudante e promovendo o crescimento durante o período determinado. Obviamente, a função somativa da avaliação também importa, desde que utilizada em conjunto com as demais funções. No que se refere à avaliação diagnóstica, de acordo com Luckesi (2005, p. 82):

Este é o princípio básico e fundamental para que ela (a avaliação) venha a ser diagnóstica. Assim como é constitutivo do diagnóstico médico estar preocupado com a melhoria da saúde do cliente, também é constitutivo da avaliação da aprendizagem estar atentamente preocupada com o crescimento do educando. Caso contrário, nunca será diagnóstica.

Acerca da avaliação formativa, Sant'Anna (1995, p. 34 apud DUARTE, 2015, p. 56) ressalta ser assim chamada “no sentido de que indica como os estudantes estão se modificando em direção aos objetivos”. Para cada ano escolar, curso ou qualquer outra atividade educacional são definidos objetivos e a avaliação tem um papel fundamental para identificar a proximidade, ou não, com estes, a fim de nortear ações, ou seja, a avaliação é um fator de aprendizagem. Ademais, sobre a função somativa da avaliação, destaca-se ser necessária porque é utilizada para classificar o estudante ao final da unidade, semestre ou ano letivo, como exigências do sistema educacional.

Segundo Romanowski e Cortelazzo (2004, p. 32 apud BOTH, 2017, p. 82):

A educação tem na avaliação escolar uma maneira de aferir como os estudantes vêm se apropriando do conhecimento na escola. Avaliar exige acompanhar o crescimento do educando, utilizando para isso vários instrumentos de diagnóstico, que resultam na nota como reflexo de todo o desenrolar de uma construção do pensamento científico no educando. Desta maneira, a avaliação assume um caráter mais construtivo do que instrutivo de aprendizado.

É notória a responsabilidade do professor a respeito da condução de avaliações que ultrapassem a marca da verificação. Estas, contudo, como apresentam as professoras Romanowski e Cortelazzo, são instrumento para acompanhamento do progresso do estudante. No que concerne a diferença entre avaliação e verificação, Both (2017, p. 48) diz o seguinte:

Enquanto a avaliação se constitui em processo dinâmico, construtivo e de acompanhamento crescente do estudante ao longo de todo o percurso pedagógico, a verificação é um ato estático, de constatação, de medida, de aferição, não favorecendo a necessária visão do educando como um ser que precisa desenvolver-se em sua globalidade. Perceba que essa condição de antagonismo entre avaliação e verificação não se estabelece de forma irremediável, radical, mas do ponto de vista conceitual e aplicável.

A análise das diferenças entre verificação e avaliação reforçam a necessidade da implementação de processos avaliativos que gerem aprendizado, eliminando a prática de

realizar apenas uma verificação com foco na identificação dos conteúdos que o estudante não conhece, em detrimento de uma avaliação que proporcione melhoria no aprendizado a partir dos conteúdos assimilados pelo estudante. É oportuno dizer que, conforme Pretto e Pinto (2006), a utilização de recursos avaliativos em sala de aula não deixa dúvida de que a facilitação do aprendizado a ser promovido não sofre prejuízo, ao contrário, o saber repassado para estudantes com o auxílio de avaliações nas mais diversas funcionalidades potencializa a capacidade de absorção, de modo que o aluno aguçe seus sentidos e os use com praticidade para melhor assimilação do conteúdo.

Necessário dizer também que a escola deve acompanhar a evolução no mundo atual, pois, como extensão da sociedade que precisa perpetuar em suas dimensões os anseios e as características das pessoas, cabe ao ambiente escolar validar e apoiar o uso de avaliações em sala de aula. A partir da década de 1990 foram quebrados alguns paradigmas, mesmo diante de certa resistência em relação ao uso geral da avaliação em aula (DALMAZO AFONSO ANDRÉ, 1996).

É preciso o planejamento de atividades para o desenvolvimento de oficinas, tais como a observação e avaliação da prática, no intuito de aprimoramento de estratégias de inserção das avaliações, as quais devem ser usadas com o objetivo de “contribuir para um ensino em que a ênfase seja colocada na compreensão do desenvolvimento de diversas formas de raciocínio e na resolução de situações problemas” (SILVA, 1989, p. 3).

Avaliar é um momento inevitável de qualquer atividade humana [...], e ainda, se a falta de avaliação é grave, igualmente prejudicial é a sua inadequação. Realmente, sem avaliação não há aprendizagem condizente, assim como avaliar inadequadamente pode propiciar desequilíbrio qualitativo entre ensino e aprendizagem (PENNA FIRME, 1988, p. 137 apud BOTH, 2017, p. 52).

Assim, acredita-se que o uso de avaliações, de maneira ordenada e planejada, torna-se fundamental, desde que contribua para o ensino-aprendizagem em sala de aula e fora dela. Cabe ao professor, amparado pela escola, determinar as formas de utilização e aplicar avaliações conforme os conteúdos disponibilizados (FONTANIVE, 2013).

A utilização das avaliações não tem que estar atrelada necessariamente a uma tarefa ou disciplina somente, visto que isso retira a dinamicidade do processo de aprendizagem, o caráter prático da avaliação e sua multiplicidade de utilização. Isto está aferrado ao papel fundamental do professor na definição dos critérios avaliativos,



entretanto, segundo Both (2017, p. 50) “o empenho em fazer o estudante atingir ao menos os conteúdos ou conhecimentos mínimos exigidos no processo de ensino-aprendizagem deve constituir uma máxima universal”.

Para Lopes (1997, p. 62), outra questão importante, a qual merece realce, “é a superação da quantidade pela qualidade. Enquanto o estudante gasta tempo, energia e se coloca em estado de estresse para a apropriação de um conteúdo, o uso da avaliação tende a fazer com que o aprendizado se torne menos cansativo, e, em algumas situações, um pouco mais prazeroso”, afinal, segundo Both (2013, p. 53), “a ação avaliativa é um processo singular de reconhecimento de aprendizagem e de desempenho do educando, e, com base nessa realidade, redimensionar os rumos do processo de ensino, se necessário for”, ou seja, não é um processo de penalização, mas parte da aprendizagem. Com isso, o excesso de tempo frente a um livro ou exercício pode ser substituído pela necessidade de interação com o desafio que lhe foi apresentado e com a possibilidade de descoberta de uma solução.

Nesse passo, a qualidade se apresentaria para economia de tempo e melhora do raciocínio, em vez da perda de tempo e da saturação de ações sem obtenção de resultado algum. O processo avaliativo nunca deve ser considerado ato punitivo, mas ação afetiva, em que docente e discente se regozijem com a aprendizagem gradativa. Por conseguinte, percebe-se vários fatores a interferirem na inserção da avaliação na sala de aula, o primeiro deles, sem dúvida, trata-se do medo de que as novidades venham a denegrir e destronar os métodos atuais. Em segundo lugar, há a ideia segundo a qual a educação ofertada apresenta resultados favoráveis a todos. Entretanto, observa-se no contexto escolar saturação de métodos e técnicas que conduzem o estudante ao estresse constante em sala de aula, à evasão escolar e ao desinteresse pelos conteúdos repassados.

Percebe-se também uma procura constante dos estudantes quanto à aplicabilidade do que lhes é ensinado em sala de aula, isto é, além do aprendizado teórico, uma utilidade para o que veem em aula (OLIVEIRA, 1998). Diante disso, identifica-se a preocupação dos autores mencionados a respeito do uso da avaliação nas aulas. Tais posicionamentos são de extrema importância para chamar a atenção sobre as vantagens e desvantagens dos recursos avaliativos como alicerce de aprendizagem. É preciso entender também que o uso de avaliações em salas de aula alterou o sentido da palavra conhecimento. Este não se restringe mais ao saber decorado e estático, tampouco ao domínio de técnicas que com o

passar dos tempos se tornaram ultrapassadas. O conhecimento hoje em dia está ligado à ampliação de saberes, e, principalmente, à diversidade deles. Ora, se atualmente é a dinamicidade e a rapidez de fluxo que dita as regras, logo, o saber e as formas de promovê-lo não podem estagnar.

Nesse contexto, os meios avaliativos exercem importante função na dinâmica das informações, por instigar ao educando a buscar conhecimento, e o professor, como mediador desse saber, precisa estar sensível à chegada da nova avaliação. Nesse sentido, utilizar recursos avaliativos é muito mais que um simples ato de proporcionar aprendizagem, é algo vivo e concreto que parte da realidade do educando, tendo os educadores como responsáveis pela construção do conhecimento para resolução de problemas.

Docentes atuantes precisam estar sempre em reciclagem, inteirando-se do novo. A união entre professor e avaliação é de suma importância para o ensino/aprendizagem, no sentido de revitalizar o ensino. Além disso, é necessário que haja um elo entre direção, professores e secretarias no intuito de integrar os avanços tecnológicos ao ensino escolar. É primordial entender que, com o surgimento de uma nova forma de educar, surgem novas maneiras de se transmitir conhecimento aos aprendentes, o que não quer dizer que se perceba um erro absoluto no modelo usado até então. Pelo contrário, cada época, comunidade e pessoa se vale das formas que lhe são plausíveis. Dessa maneira, a utilidade das avaliações para promover o aprendizado em ambientes escolares não se configura em erro da comunidade contemporânea, bem como não é coerente colocar a pecha de equivocado no método tradicional (ORTIGÃO; AGUIAR, 2013).

De acordo com Valente (2012), a construção do conhecimento pode acontecer de várias formas, e isso precisa ser valorizado. É mister que a escola atual entenda que a educação a ser oferecida aos seus estudantes precisa sair dos moldes já formulados ao longo de décadas, reformular-se por meio da observação científica, procurando enquadrar as necessidades dos estudantes e a capacidade do professor em um mesmo paradigma, no qual haja oportunidade para saciar carências e observar as demandas e evoluções de cada um.

No contexto da vida escolar atual é imprescindível a percepção de que a maneira como o estudante aprende e domina um conhecimento não está necessariamente relacionada ao método que o professor oportuniza no ambiente educativo. Assim, as

formas de resolução de um problema que destoam do modo como o professor ensinou não são erradas, mas diferentes (SOARES *et al.*, 2014).

Existem novos desafios na concepção educacional, os quais precisam ser vencidos para a evolução social e adequação da instituição escolar quando são necessários recursos diferenciados daqueles utilizados corriqueiramente há muitos anos.

Compreende-se que, entre os novos desafios do aprendizado, tem-se a diversidade de informações e a rapidez com que estas surgem e circulam. Portanto, é preciso registrar que a dinamicidade e agilidade de circulação das informações deve ser observada no contexto escolar, bem como valorizada, de forma a fazer o estudante acompanhar o que está acontecendo (BOTH, 2017).

A popularização da internet, a partir de 1995, está entre os fatores que marcam a velocidade de difusão das informações na contemporaneidade e a necessidade que têm de compartilhamento. Atrelado isto, o fenômeno da globalização impulsionou adaptações diante de um cenário de agilidade e democracia no compartilhamento de informações. A recepção de informações, antes limitada à televisão, aos jornais impressos e ao rádio, estendeu-se à rede mundial de computadores (SILVA; MARTINS, [s.d.]).

Isto posto, os estudantes, para quem a escola e os livros impressos eram fonte máxima do saber, agora compartilham informações diversas e assimilam novos conhecimentos. Neste ínterim, a escola passou a ser vista por alguns alunos como uma instituição burocrática onde o saber está limitado aos conhecimentos do professor. E o discente, no que lhe concerne, precisa frequentá-la para receber certificado de aptidão para desenvolver uma função específica.

Para Moreira e Kramer (2007), o currículo escolar atual corresponde basicamente aos mesmos princípios educativos exigidos ainda na Revolução Industrial, não há interesse em atualizar os princípios. Na formação do ensino médio existe uma valorização dos conhecimentos e ensinamentos que remetem a campos em que não se perpetua o interesse corporativo. A formação de um intelecto crítico e capaz de discutir acerca de pontos relevantes da evolução humana, ou de seu comportamento, não ganha destaque no currículo escolar e sofre depreciação em função de disciplinas com maior aplicabilidade mercadológica.

Nesse sentido, cabe compreender que a utilização das avaliações deve, sobretudo, priorizar o aprendizado de forma plena, levando o discente à análise do que está

estudando, conduzindo-o à reflexão de suas ações e entendimentos, além de retirá-lo do automatismo educacional.

Entenda-se que a aplicação de recursos avaliativos em sala de aula deve ser vista como uma das portas de saída da estagnação em que se encontra a formação atual, na qual, ao encarar um exame de qualificação para entrar em uma faculdade, o estudante depara conteúdos nunca abordados em aulas, momento em que vem a frustração de descobrir que, após uma vida de estudos, não está devidamente preparado para uma carreira profissional, bem como que seus esforços escolares se tornaram obsoletos.

Com isso, o que se tem de modo taxativo é a necessidade de aprimoramento efetiva do currículo escolar, priorizando as mudanças sociais propagadas a cada dia na comunidade através dos recursos que surgem para a promoção de uma educação minimamente democrática, em que habilidades e dificuldades do estudante sejam integralmente conhecidas e trabalhadas, formando-o plenamente, conforme o real sentido da palavra educar.

Este modelo pedagógico é utilizado há séculos e forma uma sociedade onde funções diversas são desempenhadas por pessoas que precisam estar familiarizadas com o que é exigido por sua profissão. Segundo tal modelo, o cidadão recebe uma formação estática que prioriza a profissionalização, de maneira que a procura por respostas para seus questionamentos esteja concentrada nesse padrão educacional. Contudo, com as modificações na concepção formativa, a sociedade valoriza os questionamentos entre os estudantes, que procuram aplicar os conhecimentos recebidos na escola imediatamente (SOARES *et al.*, 2014).

Mediante os fatos apresentados, vale frisar ser necessário explicar aos estudantes que, apesar do advento de novos recursos avaliativos, não se propõe tornar irrelevante o que foi estudado e validado até os dias atuais, porque o currículo escolar vigente possui conteúdos que são importantíssimos e indispensáveis para uma boa formação cidadã e profissional.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Entenda-se que, ao se falar em uma nova escola, não se propõe aqui uma mudança radical de estrutura, de comportamento profissional, tampouco de contemplação de

conteúdos. Almeja-se, entretanto, valorização de tempo e otimização da aprendizagem, por ser possível, através de avaliações, facilitar o aprendizado. Ademais, é possível também oportunizar ao estudante absorver os acontecimentos passados e se familiarizar com a conjuntura do presente, a fim de preparar-se para o futuro.

A compreensão quanto aos processos avaliativos como meio de pressionar os estudantes, e até mesmo puni-los, faz parte de uma cultura disseminada em nossa sociedade, a qual acompanha os estudantes ao longo da formação, portanto, transmite-se às próximas gerações. Apesar das tecnologias de informação e comunicação difundidas no século 21, os processos avaliativos ainda mantêm noções retrógradas aplicadas em aulas.

Em uma análise da história da educação brasileira, destaca-se a necessidade de desenvolvimento de novas competências da parte dos professores hoje em dia, baseadas em abertura, flexibilidade e conscientização fundamentais para a renovação dos processos avaliativos. Assim, as mudanças esperadas passam inevitavelmente pela formação continuada dos docentes, afinal, o conhecimento, as habilidades e as atitudes de um professor resultam de sua evolução durante a carreira docente.

É fundamental uma mudança de postura para que ocorra a quebra de paradigmas, a fim de que, culturalmente, ocorram alterações na cosmovisão das pessoas em relação à avaliação dos discentes e dos docentes. A reflexão e a conscientização são fatores primordiais, mas também é necessária a implementação de políticas educacionais que possibilitem um ambiente propício para o sucesso da educação em nosso país.

## REFERÊNCIAS

BANNELL, Ralph Ings *et al.* **Educação no século XXI: cognição, tecnologias e aprendizagens**. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

BOTH, Ivo José. **Avaliação planejada, aprendizagem consentida: é ensinando que se avalia, é avaliando que se ensina**. Curitiba: InterSaber, 2017.

BOTH, Ivo José. Somente uma avaliação bem sucedida é caminho para uma boa educação. **Revista InterSaber**, Curitiba, v. 8, p. 50-67, 2013. DOI <https://doi.org/10.22169/revint.v8i16%20Es.833>

DALMAZO AFONSO ANDRÉ, Marli Eliza. Avaliação escolar: além da meritocracia e do fracasso. **Cad. Pesq.**, São Paulo, n. 99, p. 16-20, nov. 1996. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/781/793>. Acesso em: 16 ago. 2021.

DUARTE, C. E. L. Avaliação da Aprendizagem Escolar: como os professores estão praticando a avaliação na escola. **Holos**, São Paulo, ano 31, v. 8, p. 53-67, 2015. DOI <https://doi.org/10.15628/holos.2015.1660>

FONTANIVE, Nilma Santos. A divulgação dos resultados das avaliações dos sistemas escolares: limitações e perspectivas. **Ensaio: aval. pol. públ. educ.**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 78, p. 83-100, mar. 2013. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-40362013005000005>

GEPHART JUNIOR, Robert P. Qualitative Research and the Academy of Management Journal. From the Editors. **Academy of Management Journal**, [s.l.], v. 47, n. 4, p. 454-462, 2004. DOI <https://doi.org/10.5465/amj.2004.14438580>

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

LOPES, A. J. L. **Explorando o Uso das Avaliações no Ensino nas Series Iniciais**. São Paulo: EPU; Cortez, 1997.

LOPES, Luís Fernando; FARIA, Adriano Antônio. **O que e o quem da EAD: história e fundamentos**. Curitiba: InterSaber, 2013.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo: Cortez, 2005.

MORAN, José. Educação e Avaliações: Mudar para valer! In: MORAN, José; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas Avaliações e Mediação Pedagógica**. 21. ed. Campinas: Papirus, 2013. p. 12-14

MORAN, José; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda A. **Novas Tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2013.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; KRAMER; Sonia. Contemporaneidade, Educação e Avaliação. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100 — esp., p. 1037-1057, out. 2007. DOI <https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000300019>

OLIVEIRA, Zilma de M. R. de. Avaliação da Aprendizagem e Progressão Continuada: bases para construção de uma nova escola. **Revista Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, n. 18, p. 07-12, 1998. DOI <https://doi.org/10.18222/eae01819982249>

ORTIGÃO, Maria Isabel Ramalho; AGUIAR, Glauco Silva. Repetência escolar nos anos iniciais do ensino fundamental: evidências a partir dos dados da Prova Brasil 2009. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.**, Brasília, v. 94, n. 237, p. 364-389, mai./ago. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/CTXmQ3xhTcwJPDwJPPRHZsb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 ago. 2021.

PRETTO Nelson; PINTO Cláudio da Costa. Avaliações e novas educações. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 31, p. 19-30, jan./abr. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/4vpwVbvgbkFRLRq4BPqzFHf/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 16 ago. 2021.

SILVA, A. V. **As avaliações na contemporaneidade – uma utilização consciente de recursos atuais na sala de aula.** Lisboa: GRAFIS, 1989.

SILVA, Mariana Batista do Nascimento; MARTINS, André Luís Batista. Hadji. [s.l.]. [s.d.]. Resenha de: HADJI, Charles. **Avaliação desmistificada.** trad. Patrícia C. Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2001. **Portfólio-André:** avaliação, ensino e novas tecnologias. [s.l.]. [s.d.]. Disponível em: <https://sites.google.com/site/albmwbfolio/home/resenhas/hadji>. Acesso em: 16 ago. 2021.

SOARES, Tufi Machado *et al.* Escola de Tempo Integral: resultados do projeto na proficiência dos estudantes do Ensino Fundamental das escolas públicas da rede estadual de Minas Gerais. **Ensaio:** aval. pol. públ. educ., Rio de Janeiro, v. 22, n. 82, p. 111-130, mar. 2014. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-40362014000100006>

SOUSA, Sandra Zákia. 40 Anos de Contribuição à Avaliação Educacional. **Revista Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 16, n. 31, p. 7-36, jan./jul. 2005. DOI <https://doi.org/10.18222/eae163120052140>

VALENTE, José Armando. **Diferentes Abordagens de Educação a Distância.** São Paulo: NIED-UNICAMP; CED-PUC/SP, 2012. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Jose-Valente-3/publication/268286203\\_DIFERENTES\\_ABORDAGENS\\_DE\\_EDUCACAO\\_A\\_DISTANCIA/links/5502e9260cf24cee39fd4fe1/DIFERENTES-ABORDAGENS-DE-EDUCACAO-A-DISTANCIA.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Jose-Valente-3/publication/268286203_DIFERENTES_ABORDAGENS_DE_EDUCACAO_A_DISTANCIA/links/5502e9260cf24cee39fd4fe1/DIFERENTES-ABORDAGENS-DE-EDUCACAO-A-DISTANCIA.pdf). Acesso em: 16 ago. 2021.

Recebido em: 13/03/2021

Parecer em: 14/05/2021

Aprovado em: 16/05/2021